Hg 12812
DEP. LEG. 2/4

J. A. PIRES DE LIMA

O "CHARNECA"

(Vida dum cirurgião do Minho do tempo de João Semana)

R. 83913

Separata dos «Arquivos de Historia da Medicina Portuguêsa»

PÔRTO

Tip. a vapor da «Enciclopédia Portuguesa»
47, Rua Cândido dos Reis, 49

1922

O "Charneca"

(Vida dum cirurgião do Minho do tempo do João Semana [1])

Quando eu era estudante, meu Avô materno muitas vezes me falava do Cirurgião da Charneca, clínico rural que morrera com perto de cem anos e que fôra muito estimado pelo povo da sua terra, onde adquirira fama de homem recto e de profissional competente. O meu Bisavô, cirurgião como êle, tinha-o em grande estima e apreciava deveras as suas qualidades de colega douto e leal.

Por coincidência, ha quinze anos que costumo vir passar as minhas férias grandes à Casa da Charneca, que foi edificada sôbre as ruinas da velha morada do cirurgião. Estas notas são escritas no mesmo lugar onde êle formulou milhares de receitas.

A Charneca é hoje uma vinha, situada no sopé do Monte de S. Miguel-o-Anjo, na minúscula freguesia de S. Simão de Novais, hoje pertencente ao concelho de Vila Nova de Famalicão. No tempo do cirurgião, era a Charneca um terreno acidentado e pedregoso, muito fértil, intensamente arborizado, e alagado de água no inverno. Nesta região do Minho a palavra *charneca* não tem a significação que habitualmente se lhe dá: o povo desta terra denomina charneca um terreno alagadiço e coberto de árvores e arbustos.

Fica S. Simão de Novais no centro dum triangulo escaleno, cujos vértices correspondem a Santo Tirso, Famalicão e Guimarães.

---

[1] Comunicação apresentada à Associação Médica Lusitana em 9-XI-922.

Não longe da margem direita do Ave, do Caminho de Ferro de Guimarães e do opulento foco industrial que há anos se desenvolveu ao longo daquele rio, S. Simão era, no tempo do Charneca, uma aldeia modestíssima de lavradores, com os quais êle vivia uma vida simples.

António José da Costa nasceu na Casa da Agrinha, lugar de Paredes, freguesia de S. Tiago da Carreira, no ano de 1781. Ficando órfão de pai com tenra idade, o seu padrinho, que era padre, conseguiu interná-lo no Colégio dos Órfãos em Braga. Teria António da Costa uns nove anos quando deu entrada no grande colégio que o Arcebispo D. Fr. Caitano Brandão acabava de fundar.

Pela correspondência trocada entre aquele prelado e o seu amigo Dr. António Caitano do Amaral, inquisidor da Inquisição de Lisboa, pode ver-se a origem do Colégio dos Órfãos de S. Caitano (1). A 11 de Novembro de 1790 (2) dizia o Arcebispo que trabalhava na organização de um seminário para educação de órfãos e expostos e a 2 de Dezembro do mesmo ano já participava que, por aqueles dias, entrariam 16 órfãos na sua nova casa de educação. No ano seguinte anunciava o digno sucessor de Bartolomeu dos Mártires que ia empreender a construção de um edifício,

(1) Ao Rev. P. Barreiros, ilustre arqueólogo bracarense devo a cópia de alguns extractos da correspondência manuscrita de D. Fr. Caitano Brandão. Aqui lhe reitero os meus agradecimentos. Parte daquela correspondência encontra-se transcrita nas *Memorias para a historia da vida do veneravel Arcebispo de Braga D. Fr. Caetano Brandão*. Tomo II — segunda edição, Braga 1868 — Cap. LVI, p. 362; Cap. LX. p. 386; Cap. LXV, p. 415; Cap. LXXV, p. 499

A *Historia dos Estabelecimentos Scientificos, Litterarios e Artisticos de Portugal*, de José Silvestre Ribeiro (Vol. IV — Lisboa 1874) também se refere, sumàriamente, à Aula de Cirurgia fundada pelo grande prelado bracarense.

(2) Por morte do arcebispo de Braga D. Gaspar, filho bastardo do Rei D. João V, foi nomeado seu sucessor o bispo do Grão-Pará D. Caitano Brandão, que entrou solenemente em Braga a 17 de Setembro de 1790. Para se vêr o zêlo do grande prelado, basta notar que, pensando na fundação do seu seminário para órfãos, pouco mais de dois meses depois que tomou posse da sua diocese já ali davam entrada os primeiros alunos. D. Caitano Brandão faleceu a 15-XII-1805. (V. *Serie chronologica dos prelados conhecidos da Igreja de Braga*, Coimbra, 1830).

que seria uma casa grande, que poderia albergar mais de 200 meninos.

Em 20 de Outubro de 1796 dizia o grande arcebispo ao seu amigo lisbonense: «Os meus órfãos vão-se dispondo para os designios, que a Providência dá mostras que os quer: muitos aprendem oficios com mestres escolhidos...

Perto de quarenta freqüentam a gramática latina, uns poucos geometria e álgebra, tres rètórica e outros tantos filosofia; número total chega lá para cento e vinte, e vai crescendo sempre. Lembro-me que não será mau procurar-se a entrada ao menos de dois no Hospital dessa Côrte, para ajudantes de cirurgia...»

Não sei se o bom do Arcebispo chegou a mandar alunos do seu Seminário dos Órfãos cursar cirurgia a Lisboa. O que é verdade é que em Outubro de 1798 criou uma aula de cirurgia em Braga. O curso seria feito em cinco anos e, para o regular funcionamento dêle, mandou vir livros necessários, instrumentos *e um bom esqueleto.*

Em 21 de Fevereiro de 1799 escrevia D. Fr. Caitano Brandão a respeito da sua Aula de Cirurgia: «Acho um lindo médico, que tendo feito os seus actos na Universidade com geral aprovação, com a mesma principia a exercitar aqui as funções da sua Arte; consigno-lhe ordenado de cem mil reis; e entra a ensinar doze meninos do Seminário, além de outros de fora, e diz êle que os rapazes dão as mais belas esperanças ..... e por isso experimentam os povos tão grande falta de quem os cure conforme as regras; pois de ordinário só acham sarrafaçais ignorantissimos».

Poucas notícias consegui àcêrca da Escola bracarense de Cirurgia, que deveria ter funcionado durante poucos anos; António José da Costa foi dos primeiros alunos que freqüentaram essa escola.

Quem seria o *lindo médico* que exerceu o magistério da nossa profissão em Braga? Possuo um livro manuscrito que tem o seguinte título: «Tractado de Materia Medica por M.r Cullen, e resumido a hum breve Compendio pelo Dr. Jozé Carlos da Silva Pacheco. Agora manuscripto pelo seu discipulo Antonio José da Costa. — Braga. Anno de 1800.».

Foi certamente Silva Pacheco o professor escolhido por D. Fr. Caitano Brandão para o seu curso de cirurgia. Êste curso era acompanhado de demonstrações práticas no Hospital de S. Marcos, como se depreende da correspondência donde respigo estas notas.

O arcebispo tentou várias vezes dar um cunho oficial à sua Escola de Cirurgia; submeteu à aprovação régia um Plano de estudos, mas parece que êsse regulamento não chegou a ser aprovado superiormente.

Na mesma correspondência trata-se da compra de «livros facultativos, instrumentos e mais coisas necessárias *para as operações anatómicas* que já costumam *fazer no Hospital*». Insistindo no pedido de aprovação do seu Plano de estudos, não se esquece de se referir com louvor às vantagens que o público tirará com o aperfeiçoamento do ensino cirúrgico e diz, que dessas vantagens já iam «aparecendo bons sinais no progresso notável que mostram os meninos aprendizes, freqüentando os cursos do Hospital».

Em 1802 o Arcebispo informava para Lisboa o núncio Calepi que tinha sofrido muitos desgostos, com o risco de vêr malograda a sua obra benemérita. Mas, como recompensa a essa amargura, se alegrava por vêr os frutos que em muitos ia produzindo cada dia a educação do Seminário que fundara. «Aí acabam, diz, de saír dele dez alunos com as suas cartas de cirurgia, em que fizeram avultado progresso, segundo o testemunho dos professores; e vão substituir a tantos outros de que abunda a Província, que, por falta de princípios, não servem talvez senão para matar gente».

A carta de António José da Costa *(Documento n.º 1)* foi passada em Lisboa em 19 de Fevereiro de 1803; é por isso de crêr que o futuro Cirurgião da Charneca, se não foi dos primeiros dez alunos que, em 1802, saíram do Seminário com as suas cartas de cirurgia, naquela ocasião já teria feito ou estaria para fazer os seus exames, que se realizaram depois de ter aprendido e praticado no Hospital Real de S. João Marcos da cidade de Braga a arte de cirurgia, anatomia, operações, ligaduras e partos. O exame foi feito na presença do Doutor António José Lopes.

Foram examinadores Manoel José Pereira e António de Oliveira, que o aprovaram *nemine-discrepante*. Eis os pontos sôbre que versou o exame, os quais foram tirados à sorte: *Cirurgia* — 1.º) Como se abrem os abcessos, e que preceitos prescreve a cirurgia relativamente às diferentes partes do corpo; 2.º) Como se realisa a paracentese; *Partos* — Como se remedeia o parto quando há prolapso da vagina e do útero.

Logo que obteve a carta régia que o autorizava a exercer a arte de curar de cirurgia, António José da Costa voltou à sua terra, onde logo começou a fazer clínica. Foi habitar a casa da Capela[1], na sua freguesia natal, e a 25 de Abril de 1803 prestou juramento na freguesia de Castelões, perante o Desembargador-corregedor da comarca de Barcelos, Dr. José Nepumoceno Pereira da Fonseca. O termo do juramento foi lavrado pelo escrivão de correição e chanceler proprietário José Cardoso de Faria de Sotomaior. A carta foi registada na chancelaria-mor da Côrte a 1 de Março de 1803 e visada em Dèlães em 12 de Outubro de 1805 e em Braga em 16 de Junho de 1839.

Nos primeiros anos da sua vida clínica morou na Carreira, mas, em 24 de Julho de 1815, tendo comprado na freguesia limítrofe de S. Simão, por 700 mil reis, a propriedade da Charneca, para lá transferiu a sua habitação. Como ainda hoje sucede nesta região minhota, os médicos são conhecidos, não pelo seu nome ou apelido, mas pelo lugar que habitam. António José da Costa passou pois a ser o «Cirurgião da Charneca».

Devia ser relativamente vasta a cultura do jóvem facultativo, que possuía uma livraria bastante rica para um cirurgião de aldeia. Tinha livros, todos com sinais de terem sido largamente manuseados e alguns anotados pelo punho

(1) Junto dessa casa, que pertenceu aos antepassados do Sr. Alberto Pimentel, existia uma capela, hoje quasi demolida, à qual deve o nome.

Perto dali deu-se, há meio século, um episódio altamente dramático, que a voz do povo ainda hoje conta com emoção: um padre que saia de casa uma madrugada, para dizer missa, foi assassinado a tiro, por mandado dum sobrinho, que tinha pressa de lhe herdar a fortuna. O facto foi comemorado por uma humilde cruz, há muito derrubada.

do seu dono, redigidos em português, francês, latim e inglês. Quasi todos os volumes tratavam de assuntos médicos, mas havia também gramáticas e dicionários daquelas línguas e algumas obras de literatura e filosofia. Por morte do cirurgião, a sua biblioteca foi dispersa, sendo os livros distribuídos pelos herdeiros. Depois de várias diligências, consegui vêr algumas dezenas de obras que pertenceram ao Charneca. A maior parte delas encontram-se hoje no Pôrto, assim como a sua carta de *examina*, e um volumoso manuscrito em que êle anotava as consultas que dava, as visitas que fazia, diagnósticos, tratamentos, contas, etc. Outros livros que foram do Charneca encontram-se em várias casas desta região.

Para se fazer ideia da sua educação médica, vou citar alguns dos livros, que lhe foram sempre fieis companheiros durante a sua longa vida de celibatário filósofo.

— Plenck — Mercúrio nas doenças venéreas, trad. de M. J. H. Paiva.
— Van Switen — Enfermidades dos exercitos, trad. de Vidigal.
— Instruções e cautelas practicas sobre as aguas mineraes.
— Cullen — Elementos de medicina practica, trad. J. M. Chaves.
— Agostinho Albano — Codigo Pharmaceutico.
— H. X. Baeta — Febre epidemica contagiosa que grassou em Lisboa em 1810-1811.
— Anatomia de Verheyen.
— Buchan — Medicina domestica, trad. de Padrell.
— Costa Paiva — Aphorismos de Medicina e Cirurgia practicas.
— Pharmacopeia geral para o Reino, e Dominios de Portugal,
— Annaes do Conselho de Saude Publica do Reino.
— Sharp — Tratado das operaçoens de cirurgia, trad. de J. C. S
— Dictionaire portatif de Santé.
— Stoll — Prœlectiones in diversos morbos chronicos.
— Plenck — Elements de l'art des accouchements.
— Nysten — Dictionaire de Médecine.
— António d'Almeida — Medicina operatoria.

Vários livros do Charneca foram comprados, quasi todos em segunda mão, tempos depois de êle ter feito o seu exame de cirurgia. Tinha, por exemplo, um Nysten impresso em 1834, o qual lhe custara 2:160 reis. Vê-se que não se contentava com o que aprendeu no Colégio dos Órfãos e no Hospital de S. Marcos. Pela vida fora manu-

seava freqüentes vezes os seus livros e, pelo menos até ao meado do século passado, ia adquirindo, de vez em quando, uma ou outra espécie bibliográfica, na qual inscrevia cuidadosamente a sua assinatura, com o título de licenciado, bem como o preço da compra (1).

Quando tratava algum doente em estado grave, tinha insómnias e refugiava-se em casa, procurando em longas leituras esclarecer as dúvidas que lhe apresentavam os casos difíceis.

Tal era a cultura do cirurgião. Vejamos agora em que meio êle exerceu a sua arte, que pessoas e doenças tratou, que meios terapêuticos usava.

A clínica do Charneca irradiava em volta de S. Simão, por uma área bastante larga, em territórios dos concelhos de Famalicão, Santo Tirso e Guimarães, que êle percorria a cavalo.

Segundo o manuscrito a que me referi, o campo onde êle estendia a sua actividade era um círculo de 10 quilómetros de raio, que compreendia as 40 freguesias seguintes:

S. Simão de Novais, Carreira, Dêlães, Ruivães, Bente, Bairro, S. Fins, Riba de Ave, S. Miguel das Aves, Romão, Rebordões, Landim, Santa Marinha, S. Mateus, Santa Maria de Oliveira, Castelões, S. Paio de Seide, Vermoim, S. Miguel de Seide, Sequeiró, Santa Maria de Abade, Areias, Pedome, Serzedelo, Mogege, Guardizela, Pousada de Saramagos, Burgães, S. Martinho do Vale, Avidos, Lagoa, Requião, Lama, S. Tomé de Negrelos, Lordelo, Cabeçudos, Famalicão, Santo Tirso, Sobrado e Joane.

Entre os seus clientes citarei Bernardo José da Fonseca e Castro, capitão de milícias, pai do dr. Bernardo Fonseca, clínico na freguesia de Castelões; D. Balbina e Fr. Luís do Paço (de Ruivães), que estavam avençados por oito razas de milho por ano; o vigário Francisco Manuel da Affonseca, do Mosteiro de Oliveira, avençado por 16 razas; Rosa da Pica (Dêlães), avençada por 4 razas; D. Mariana Tereza da Conceição, de Oliveira, por 6 razas. Tratou durante

(1) Na guarda de um dos seus livros, escreveu êle: «Perte *(sic)* ao Licenciado Antonio Jose da Costa da Freg.ª de S. Simão de Novaes Termo da V.ª de Barcellos e Julgado de Vermoim».

muitos anos, duma sífilis maligna, que o cegou tambem, um irmão do *Cego de Landim* da novela de Camilo. Chamava-se Firmino, e morava na freguesia de Ruivães, onde deixou viva tradição. Conheci e tratei na casa da Corredoura de Baixo (S. Simão) um casal de velhos que tinham sido clientes do Charneca: o marido tratou-se com êle, durante largos anos, duma cárie dos ossos de um dos pés. Quando, ha pouco tempo, morreu, ainda claudicava e tinha uma fístula nesse pé. Um dos seus filhos foi casado com uma filha da senhora celebrizada por Camilo com o título de «Brazileira de Prazins».

Tambem prestou serviços clínicos no Colégio de Landim, onde, sob a direcção de Luís Correia, foram educados alunos pertencentes a muitas das mais ilustres famílias de Entre Douro e Minho. A maior parte das pessoas que êle tratou ainda hoje teem descendentes, e é curioso notar que as alcunhas apontadas pelo cirurgião ainda subsistem, um século depois, atribuidas a pessoas das mesmas famílias.

Eis algumas das doenças e outros estados mórbidos que êle teve de tratar. A lista refere-se principalmente ao tempo compreendido desde 1846 a 1863.

Febres intermitentes, gripe (1829, 1837), erisipela, fracturas, histeria, edemacia, pirexia atáxica e adinâmica (1838), esquinência, pirexias eruptivas, torsões do pé, úlceras, cárie, nevralgia, reumatismo, sífilis, peripneumonia, pleuriz, gastrodinia, epilepsia, cólicas, defluxo, amenorreia, enterite, pleurodinia, sarampo, bexigas, otalgia, gástrica, inflamação do testículo, gastro-enterites, contusões, catarros, parótidas, ascite, febre esputo-sanguinea, abortos, menorragias, hidrocele, abcessos, blenorreia, histeritis, coreia, pneumatose, oftalmia, escarlatina, glossite, scirro, clorose, hemorroidas, vomiturição de gestação, hidrotorax, biliosa, phtisis, cistite, pulmonia, furúnculo, hepatalgia, acrimónia humoral, carbúnculo na nuca, anasarca, odontalgia, fogage, demência, feridas, gástrica triphoides, pneumogastrica tiphoidea, ictericia, cardialgia, caquexia, epistaxis, melena, abcesso lagrimal, erupção que chamam figado, hipocondria nervosa, vessania, timpanite nefrítica, vertigens, catarro petequial, tumor atheroma do peito, toque nervoso, mastite, cancros, estado colérico ou histérico, a verdadeira cólera sêca depois diarreia e ictericia, marasmo, síncope, exantema urticário, bematemeses, dispneia asmática, enfisema, tétano, febre puerperal, alienação, panaricio, hérnias, héctica, mucosa petequial, enuresis, torpência, estado comatoso, peritonite, cólera morbo (Romão 1847), inflamação mastoideia, herpes, coqueluche, elefantiase, hemicránea, amaurose, epúlida, disuria, exantema petequial, escrofulas.

E' deveras curioso o quadro nosológico traçado pelo Charneca ha cêrca de um século. Se muitas das doenças que êle tratou são ainda hoje banais nesta terra, é certo que algumas delas são actualmente raras ou desapareceram completamente desta região. O velho clínico, se hoje vivesse, muito estranharia a alarmante difusão da clorose e da tuberculose pulmonar, tão raras no seu tempo, e que hoje infestam com tão grande pertinácia as operárias das fábricas de tecidos!

Devia o sezonismo, nas suas diversas modalidades, ser aqui muito freqüente. António José da Costa cita no seu rol muitos casos de febres intermitentes, não só com essa rúbrica, como ainda sob as designações de terçãs, quartãs, biliosas, sezões, remitentes.

Parece-me que o sezonismo não existe hoje nesta região (1), a não ser em algum militar chegado das colónias, ou em emigrantes do Brasil. A erisipela, se o Charneca a diagnosticava bem, devia ser mais freqüente no seu tempo do que hoje, e o mesmo sucederia à escarlatina, que a cada passo se encontra na sua lista. Uma vez vejo citada uma erupção «a que chamam fígado». Seria algum caso de pelagra? Aparecem hoje alguns exemplares dessa moléstia, a que o povo chama efectivamente fígado ou figadal. Vêem-se no manuscrito referências a catarros e febres petequiais; seria o tifo exantemático? Também é citado um caso de cólera morbo (2), que se teria dado em 1847.

Como trataria o velho Charneca os seus doentes? Naquele tempo havia boticas em Dèlães, em Ruivães e em Landim. Além de utilizar os serviços farmacêuticos,

(1) Já o Sr. Prof. Maximiano Lemos (História da Medicina em Portugal — II, p. 335), referindo-se à grande profusão de notícias clínicas, que encontrou sôbre as sezões, em princípios do século passado, diz que ou se cometiam muitos êrros de diagnóstico, ou o sezonismo tinha então, no nosso país, uma área de difusão muito maior do que hoje.

(2) O Prof. João de Meira (A cólera no Porto, *in Gazeta dos Hospitais do Pôrto*, 1911, p. 22) estudou a epidemia de cólera que grassou em 1833, durante o Cêrco do Pôrto, e refere-se às epidemias portuguesas de 1853, 1854, 1855-1856 e 1865. Só a de 1833 e as duas últimas visitariam esta cidade. Não tenho conhecimento de qualquer epidemia em 1847. Haveria durante alguns anos após a guerra civil casos esporádicos no Norte do País?

empregava plantas medicinais que cultivava na sua horta e mel das suas colmeias.

Exercia a pequena cirurgia reduzindo luxações e fracturas, puncionando hidroceles, vacinando contra a varíola, seccionando o freio da língua nas crianças travadas, aplicando sanguessugas, praticando sangrias e sondagens vesicais, abrindo fonículos, fazendo pensos, extraindo dentes, reduzindo prolapsos rectais e uterinos, abrindo abcessos, aplicando e curando cáusticos.

Nas consultas em casa, ou nas visitas domiciliárias, freqüentes vezes dava *conselhos ou direcções para o mar, ou para as caldas*. Praticava exames de sanidade, via doentes em conferência com outros colegas, passava certidões e redigia relatórios clínicos a que chamava *informações*.

Os honorários eram modestos. Vejamos o preçário dos seus serviços, para os clientes que não estavam avençados:

Consulta em casa, 60 reis; visita próximo da sua habitação, 120 reis; visita em Riba de Ave, 140; idem em Rebordões, 240; idem em Serzedelo, 300; extracção de um dente, 100; curativo de fonículo, vacinação, redução de prolapso do recto, abertura de abcesso, 120; sangria, 140; conselho para o mar, redução de luxação do húmero, 160; punção de hidrocele, certidão, 240; rêdução de fractura do húmero, 460. O serviço mais caro que êle fez foi uma conferência e exame de sanidade dos alunos do Colégio de Landim, pelos quais levou 480 reis, em 26-7-1850.

Como se vê, era pouco levaz o Charneca.

Muitas vezes os clientes deixavam de saldar as suas contas com o cirurgião, facto que êle anotava com mal disfarçado azedume. Prestava gratuitamente os seus serviços clínicos, ou reduzia os seus honorários aos lavradores das vizinhanças que o presenteavam, ou aos trabalhadores que o serviam de graça.

O cirurgião era um homem simpático, de estatura regular, pouco nutrido, de temperamento sanguíneo. A simplicidade com que vivia agradava ao povo rústico, com quem lidava na melhor harmonia.

Mas, uma vez, perturbaram-se as suas boas relações

com a vizinhança. Um dia abriu êle uma mina e, à medida que a água nascia aos borbotões, a fonte da Saldanha, que fica no caminho que ladeia a Charneca, começou a secar. O povo, vendo perder-se a sua excelente fonte pública, amotinou-se, entrou pela casa do clínico e, convidando-o a sentar-se numa cadeira, entupiu, na sua presença, o poço malfazejo.

Várias anedotas se contam ainda hoje, cuja veracidade não é possivel averiguar. Segundo resa a tradição, uma vizinha do Charneca costumava furtar-lhe lenha. Um belo dia o cirurgião foi ao frascal e abriu, na lenha que lá tinha, uns furos, que encheu de pólvora. Na noite seguinte, quem passasse à porta da infiel vizinha, ouvi-la-ia, muito assustada, bradar: — «Jesus! Santo Nome! Cruzes! A lenha tem diabo!...» — Efectivamente, enquanto ardia no lar, fazendo a ceia da mulherzinha, a lenha do cirurgião, de vez em quando explodia, levantando desordenadas labaredas.

O manuscrito a que me referi, onde se encontra resumida a Matéria médica de Cullen, tem nas guardas várias receitas. Duas delas são de pólvora, dizendo uma — «Não presta», e a outra — «Esta he boa». Foi certamente com a segunda fórmula que êle meteu o susto à vizinha comunista...

O cirurgião da Charneca tinha um excelente pomar. O rapazio da aldeia assaltava-lho a miude, o que deveras o irritava. O bom do clínico imaginou logo, segundo a tradição, vários processos para defender as suas ricas fruteiras. Espetava-lhes pregos, aguçando a parte que ficava fóra dos troncos. Ao retirarem-se apressadamente de cima das árvores, os rapazes, quando não levavam alguma arranhadura pela pele, ao menos ficariam com as calças rôtas. Mas o Charneca utilizaria, segundo a lenda, castigos mais expeditos e mais em harmonia com a cultura dum verdadeiro filho de Esculápio. Na página 233 do seu Cullen, aprendeu o Charneca: «Catharticos, ou purgantes em geral. Chamam-se catharticos os medicamentos que evacuão os intestinos pela parte inferior, ou os que favorecem ou excitão a evacuação por curso, o que se chama purga». No capítulo citado encontram-se meios muito amplos para

preencher esta indicação, desde os banais eccoproticos, as raizes doces e os salinos, passando pelos mais acres, como o áloes, até chegar à escamonea, e que chama purgante heroico.

Pois o Charneca ia às fruteiras mais sujeitas à cubiça dos rapazes e untava as maçãs e as peras com um dos purgantes mais gabados pelo seu compêndio. Qual fôsse o agente empregado, é pormenor que a tradição não conservou; mas, certamente, o excelente prático não deixaria de eleger aquele que mais depressa fôsse capaz de exonerar o pobre garoto daquilo que tão desonestamente tinha adquirido...

São tudo pequenos incidentes da dilatada e pacífica vida do cirurgião, a quem só preocupava a saúde dos clientes e a cultura das suas terras. Percorria grandes distâncias, como vimos, montado na sua égua e à noite passava longas vigilias, estudando e meditando, ou jogando a bisca com os lavradores vizinhos. Nos últimos anos da sua existência, tornou-se um tanto scéptico e recorria com pouca fé aos remédios de botica. Um dia chegou do Pôrto um negociante com uma enterite, que tinha resistido a toda a espécie de tratamentos. Consultou o Charneca, que o aconselhou simplesmente a comer melancia. «Mas não me receita algum remédio», preguntou o doente?—«Coma melancia, muita melancia!» — E o doente curou-se.

Um ano antes de morrer, foi acometido de uma hemorragia cerebral, que o deixou paralitico e afásico. Se até ali era frugal e de aspecto atraente e afável, passou a tornar-se irritável, e desregrado na alimentação. Regeitava de mau humor a maior parte dos medicamentos que lhe queriam ministrar, e só permitia que lhe aplicassem fricções ou que lhe dessem laxativos.

No último ano de vida foi definhando lentamente, até que faleceu com 95 anos de idade, na madrugada de 15 de Agosto de 1876 *(Documento n.º 2)*, sendo enterrado na Igreja de S. Simão de Novais.

Deixou tudo quanto possuia a uma sobrinha, com o encargo de dar uma pequena pensão a um irmão. Durante a sua longa e laboriosa vida não conseguiu grangear for-

tuna. Todos os seus haveres se limitavam à casa da Charneca e à Bouça-Flor, situada no alto de S. Miguel-o-Anjo, junto da capela hoje em ruinas e dos vestigios de um castro luso-romano conhecido dos arqueólogos.

Desapareceu a povoação remota dos lusitanos, a capela de S. Miguel-o-Anjo desmorona-se, e até o velho Charneca acabou por morrer; a gente daqui já não treme maleitas, mas, ai dela, não lhe faltam, nunca lhe faltarão queixumes que levar aos sucessores do cirurgião...

Charneca, 26-IX-922.

DOCUMENTO N.º 1

Dom Joaõ por graça de Deos, principe regente de Portugal, e dos Algarves, d'aquem e d'alem mar, em Africa e de Guiné da Conquista, Navegaçaõ, Comercio da Ethiopia, Arabia, Persia, e da India etc. Faço saber que a *Antonio Jozé da Costa*, da Freguesia de S. Thiago da Carreira da Cidade de Braga, Colegial do Seminario de S. Caetano da dita cidade, Me representou, que elle pertendia uzar da Arte de Cirurgia, Anatomia, Operaçoens, Ligaduras e Partos, nestes meus Reinos e Senhorios de Portugal, pela ter aprendido, e praticado, no Hospital Real de S. Joaõ Marcos da mesma Cidade, como constou por certidaõ, que foi vista, e examinada pelos deputados da minha Real Junta do *Proto-Medicato*, o qual foi examinado na presença do Comissario o Doutor Antonio Jozé Lopes, pelos Examinadores Manoel José Pereira, e Antonio de Oliveira, os quaes o approvaraõ *Nemine discrepante*, debaixo do juramento, que tinhaõ recebido para exercitar a dita Arte: por bem do qual me pedio lhe mandasse expedir Carta, para que livremente podesse uzar da dita Arte na forma do Regulamento e Leis deste Reino, ao que naõ tendo duvida os meus deputados da referida Minha Real Junta, foi servido ordenar se lhe passasse Carta para que em sua observancia possa curar de Cirurgia em estes meus Reinos e Senhorios, sem que a isso se lhe possa pôr duvida alguma por minha Justiça, antes lhe daraõ todo o favor, e ajuda quando sem minha Authoridade especial lhe queiraõ pôr algum embaraço ao seu exercicio; pelo qual poderá demandar os salarios, que lhe forem devidos perante os meus depu-

tados da sobredita Real Junta a quem para esse effeito tenho nomeado por seu Juiz Privativo; e só perante elles poderá ser demandado dos erros que commetter na dita Arte; sendo primeiro esta Carta assignada por dois d'elles, e passada pela minha Chancellaria Mór do Reino, aonde o dito *Antonio Jozé da Costa* haverá o juramento dos Santos Evangelhos ou perante o Corregedor da Comarca onde pertencer para uzar da referida Arte como deve, guardando o meu serviço em utilidade do bem publico. &c E Pagou de novos direitos mil e seiscentos reis, que forão carregados ao Thesoureiro d'elles a fol. 157 v do liv. 26 de sua receita, e se registou o Conhecimento em fórma do liv. 66 do Registo Geral a fol. 187 V. &c. O Principe nosso Senhor o mandou por dois dos ditos Deputados abaixo assignados &c. Dada, e passada nesta Corte, e Cidade de Lisboa aos 19 de Fevereiro de 1803. Esta vai sobscrita por Jozé Manoel Correa Monteiro, Secretario da dita Real Junta do *Proto-Medicato*, &c. De feitio desta quinhentos reis, e de assignar duzentos reis.» E eu *(a)* Jozé Manuel Correa Monteiro a fis imprimir e subscrevo. *(a)* José Martins da Cunha Pessoa. *(a)* Norberto Antonio Chalbert (?). R. 34 p. do L.º 8.º Mont.º.

No alto da carta e na letra inicial vêem-se as armas reais. O documento é impresso em pergaminho e tem 35 cm. de largura e 31 cent. de comprimento. No alto tem a rúbrica «Dias». Em cima e à esquerda tem um sêlo branco e em baixo um sêlo branco pendente duma fita de seda cor de salmão. A fita, dobrada, mede 2×40 cent. de comprido, e 43 milimetros de largo. O sêlo pendente tem 7 cent. de diâmetro. No verso tem um sêlo da Causa Pública, de 1:600 reis e diversas rúbricas e verbas de registos, além do juramento prestado em Castelões, perante o Desembargador-Corregedor de Barcelos em 25 de Abril de 1803.

DOCUMENTO N.º 2

«Número 13. Aos quinze dias do mês de Agosto do ano de mil oitocentos e setenta e seis pelas quatro horas da manhã, no logar da Charneca, freguezia de S. Simão de Novais, anexa a esta freguezia do Salvador de Ruivães, concelho de V. N. de Famalicão, diocese de Braga, faleceu só com o Sacramento da Extrêma-Unção um individuo do sexo masculino, por nome António José da Costa, solteiro, cirurgião, da idade de 95 anos, filho legitimo de José da Costa e Eugénia Pereira, da freguezia de S. Tiago da Carreira, concelho e diocese supra, o qual não deixou filhos, fez testamento e foi sepultado na Igreja da dita freguezia de S. Simão. E para constar se lavrou em duplicado este assento, que assino. Era ut supra. Resalvo a entrelinha que diz Agosto. O abade Lourenço José de Magalhães. Está fiel e conforme. Ruivães 16 de Agosto de 1921. O pároco *(a)* Ab.e José Marques Pinto.»